



# O INTERDISCURSO MESSIÂNICO NO *AQUI E AGORA* PANDÊMICOS: JOGO DE IMAGENS EM UMA CHARGE REPRESENTATIVA DE JAIR BOLSONARO

Aline Milena Borges da Silva Dias<sup>1</sup>  
*Universidade Federal do Pernambuco*  
Sarah Sibelly de Moraes Ferreira Silva<sup>2</sup>  
*Universidade Federal do Pernambuco*

## RESUMO

Esta pesquisa buscou compreender o funcionamento do interdiscurso em uma charge na qual se estabelece a retomada do pensamento judaico-cristão na representação da figura política do atual presidente brasileiro Jair Messias Bolsonaro. À vista disso, tem-se a pergunta norteadora do trabalho: como a retomada do discurso bíblico ressignifica a imagem do presidente? Nossa hipótese é de que, nesse caso, o interdiscurso opera um deslizamento de sentido, do qual surge um novo, por sua vez ligado a uma determinada forma-sujeito. A análise do corpus segue a metodologia qualitativa do tipo documental (LAKATOS e MARCONI, 2003) e se fundamenta, substancialmente, em teóricos de referência na Análise do Discurso de linha francesa, tais como Orlandi (1998; 2007; 2015), Possenti (2003), Indursky (2011) e Heine (2010). Para situar a abordagem das charges, consideramos a pesquisa de Romualdo (2000) e Kurtz (2017). Assim, constatamos que, na charge analisada, elementos verbais e visuais se coadunam num todo indissociável e, através dos processos simultâneos de intertextualidade e da interdiscursividade, haja vista a materialização do discurso-outro de maneira explícita (POSSENTI, 2003, p. 140), geram valorações negativas a respeito do exercício político de Bolsonaro em um momento de grave crise sanitária nacional.

**Palavras-chave:** Interdiscurso. Memória. Charge.

## ABSTRACT

This research sought to understand the functioning of the interdiscourse in a charge in which the resumption of Judeo-Christian thought is established in the representation of the political figure of the current Brazilian president Jair Messias Bolsonaro. In view of this, one has the guiding question of work: how does the resumption of the biblical discourse re-signify the image of the president? Our hypothesis is that, in this case, the interdiscourse operates a slip of meaning, from which arises a new, in turn linked to a certain form-subject. The corpus analysis follows the documentary-type qualitative methodology (LAKATOS and MARCONI, 2003) and is based, substantially, on reference theorists in the French Discourse Analysis, such as Orlandi (1998; 2007; 2015), Possenti (2003), Indursky (2011) and Heine (2010). To situate the approach of charges, we consider the research of Romualdo (2000) and Kurtz (2017). Thus, we find that, in the analyzed charge, verbal and visual elements converge in an inseparable whole and, through the simultaneous processes of intertextuality and interdiscursivity, in view of the materialization of the other-discourse explicitly

---

<sup>1</sup> É graduanda do curso de Licenciatura em Letras Português da Universidade Federal de Pernambuco. É bolsista de iniciação científica CNPq E-mail: aline.borgessilva@ufpe.br

<sup>2</sup> É graduanda do curso de Licenciatura em Letras Português da Universidade Federal de Pernambuco. É bolsista de iniciação científica CNPq E-mail: sarah.morais@ufpe.br



(POSSENTI, 2003, p. 140), generate negative valuations regarding the political exercise of Bolsonaro in a time of serious national health crisis.

**Keywords:** Interdiscourse. Memory. Charge.

## INTRODUÇÃO

O estudo do funcionamento da linguagem é uma tarefa que, ao longo da história, tem interessado pesquisadores de diversos campos do saber. Na Análise do Discurso, a questão se reveste de importância pela forma como ela trabalha com os processos de sua constituição, afastando-se da análise clássica de conteúdo das ciências sociais e voltando-se para os efeitos de sentido entre locutores. Esses criam, mediante a paráfrase e a polissemia, “a relação entre o mesmo e o diferente, a produtividade e a criatividade na linguagem” (ORLANDI, 1998, p.14), sendo o texto o espaço material de realização do discurso e caminho para apreender tais construções ideológicas (KURTZ, 2017, p. 4).

Nesses termos, considerando-se a noção da repetição, sabe-se que a memória — o interdiscurso — pressupõe uma relação direta com a História e com o social (HEINE, 2010 p. 26) e atua organizando o funcionamento do discurso dentro de uma determinada matriz de sentido ou formação discursiva, estabilizando ou criando novos sentidos. Assim, o pré-construído é “todo o elemento de discurso que é produzido anteriormente, em um outro discurso e independentemente.” (INDURSKY, 2011, p. 2) e que, segundo Pêcheux ([1975] 1995), pode ser mobilizado tanto pelo encaixe sintático no intradiscurso, dando a ideia do “sempre já lá”, quanto pelo discurso transversal, que, como o nome sugere, incide de viés como um eco de um discurso-outro.

Logo, este trabalho objetiva compreender o funcionamento do interdiscurso numa charge na qual se estabelece a retomada do pensamento judaico-cristão na representação da figura política do atual presidente brasileiro Jair Messias Bolsonaro. A charge foi retirada do portal de notícias *O Dia*, que funciona como um suporte de diversos gêneros jornalísticos e teve, como evento motivador de sua produção, a fala do presidente, em abril de 2020, acerca do número de mortes por COVID-19 no Brasil, quando declarou: “E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Eu sou Messias, mas não faço milagre”<sup>3</sup>. Nessa fala, o tom irônico na menção à figura cristã desencadeia uma relação polêmica (FIORIN, 1998, p. 45) com os enunciados que concebem o Messias como solucionador de conflitos e dores humanas e revela, em contraste, um novo Messias, caracterizado pela aceitação e desinteresse em agir efetivamente para mudar uma situação problemática.

Nesse ínterim, tomamos como ponto de partida a seguinte questão: como a retomada de elementos do discurso religioso cristão ressignifica a imagem do presidente? Nossa hipótese é de que, nesse caso, o interdiscurso opera um deslizamento de sentido, do qual surge um outro, por sua vez ligado a uma determinada forma-sujeito. Em vista de tal propósito, o trabalho se fundamentará, substancialmente, em teóricos de referência na Análise do Discurso de linha francesa, tais como Orlandi (1998; 2007; 2015), Possenti (2003) e Indursky (2011). Para situar a abordagem das charges, consideramos a pesquisa de Romualdo (2000) e Kurtz (2017).

---

<sup>3</sup> CARTAZ Social. "Eu sou messias, mas não faço milagres" diz Bolsonaro sobre o aumento de mortos pelo Clóvis. **YouTube**, 28.abr.2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=stKU-TUYLKY>.



Estudar o funcionamento do interdiscurso ou da memória discursiva, afetada pelo esquecimento, revela-se necessário à compreensão dos efeitos de sentido do discurso, uma vez que, segundo Orlandi (2015, p. 33-34), "para que as minhas palavras tenham sentido é preciso que elas já façam sentido" e, quando nascemos, "eles já estão em processo". Dizendo de outro modo, ainda conforme a autora, o que é dito em outro lugar tem peso e significa, ali, por sua ausência, no discurso.

## 1 FUNDAMENTAÇÃO

O gênero charge se caracteriza, dentre outros aspectos, pela explicitação de um ponto de vista crítico acerca de acontecimentos da vida social e política da comunidade em que é produzido e publicado. Por meio da crítica e da denúncia, a charge chama atenção para o fato abordado, gerando uma relação de humor com coisas do cotidiano (KURTZ, 2017, p. 6). Seu cunho eminentemente social pode ser observado, por exemplo, na recorrência com que veicula críticas a figuras políticas envolvidas em uma determinada situação-problema. Isso se evidencia ainda mais nas charges jornalísticas, por sua íntima relação com as notícias veiculadas no suporte de publicação (ROMUALDO, 2000, p. 39).

Em todo caso, é possível observar como recurso de construção desse tipo de enunciado a alusão à exterioridade, sendo um exemplo bastante sugestivo de como o "primado do interdiscurso (a memória do dizer)" (ORLANDI, 2007, p. 31) estrutura a linguagem. Esse processo, no entanto, consta já no interior do discurso presentificado, pois

[...] o Outro não deve ser pensado como uma espécie de "envelope" do discurso nem um conjunto de citações. No espaço discursivo, o Outro não é nem um fragmento localizável, uma citação, nem uma entidade exterior; nem é necessário que seja localizável por alguma ruptura visível da compacidade do discurso. Ele se encontra na raiz de um Mesmo sempre já descentrado em relação a si próprio, que não é em momento algum passível de ser considerado sob a figura de uma plenitude autônoma. O Outro é o que faz sistematicamente falta a um discurso, é aquela parte de sentido que foi necessário que o discurso sacrificasse para constituir sua identidade (POSSENTI, 2003, p. 146).

Vê-se, então, que o interdiscurso se configura como uma presença na ausência, uma alteridade constitutiva, que leva o indivíduo a identificar-se ou contra-identificar-se em relação a uma dada formação discursiva, gerando a movência dos sentidos pelos processos semânticos que se instauram no discurso (INDURSKY, 2011, p. 3). Por conseguinte, o que é dito em outro lugar também significa nas 'nossas' palavras" (ORLANDI, 2015, p. 32). Essa constituição de sujeitos e sentidos se faz mediada pela ideologia e pelo inconsciente, estando, portanto, fora do controle do indivíduo (ORLANDI, 1998, p. 12). Por conseguinte, o interdiscurso corresponde à voz anônima incorporada no enunciado como se ela aí surgisse. Nesse contexto, o papel da ideologia é fundamental por constituir tanto o sujeito quanto o discurso, que, pela interpelação, cria a ilusão referencial, o esquecimento nº 2, e a evidência do sentido, esquecimento nº 1.

Por tal razão, o sentido não é universal, mas particular à cada gesto de interpretação (KURTZ, 2017, p. 3), pois "todo enunciado está intrinsecamente exposto ao equívoco da língua, sendo, portanto, suscetível de tornar-se outro" (ORLANDI, 1998, p. 11). Logo, o enunciado não reflete puramente uma realidade, antes veicula em si uma visão de mundo e um sistema de valores, por



sua vez ligados a estereótipos valorizados positiva ou negativamente (FIORIN, 1998, p. 55). Como coloca Silva (2015, p.1012), a noção de estereótipo liga-se à de memória discursiva por supor a existência de algo que antecede e fundamenta a emergência dos enunciados. Logo, é produtiva no estudo em apreço, considerando-se que é pelas imagens prévias mobilizadas em torno da palavra “Messias” que se pode compreender a crítica realizada na charge.

Ainda, segundo Heine (2010), intertextualidade e interdiscurso são elementos com características semelhantes, mas que não se confundem. No primeiro caso, há uma relação entre discursos, e o dizer tem como base de sua constituição o esquecimento. No segundo, contrariamente ao que ocorre no interdiscurso, “o sujeito produtor do intertexto é um sujeito pragmático, livre em sua essência, totalmente dono do dizer e origem do discurso.” (HEINE, 2010, p. 29).

De toda forma, como procuramos demonstrar, o interdiscurso está presente criando as condições para o dizer. Por isso, na análise materialista do discurso, toma-se o texto como uma porta de entrada para se alcançar os processos de significação inscritos na memória, uma “peça de linguagem de um processo discursivo muito mais abrangente” (ORLANDI, 2007, p. 61), a qual não tem nem uma origem nem um fim absolutos. Na charge do portal *O Dia*, conforme veremos a seguir, a intertextualidade é o elemento que, no texto, materializa os sentidos (eixo da formulação) e ao mesmo tempo aciona a exterioridade (eixo da constituição).

## 2 METODOLOGIA

Por se propor a uma abordagem processual e descritiva do *corpus* em análise, o presente trabalho situa-se no quadro de pesquisas de metodologia qualitativa, bem como do tipo documental e bibliográfica, já que a coleta de dados claramente incide tanto sobre fonte primária de investigação (LAKATOS e MARCONI, 2003, p. 174), escrita e contemporânea, quanto sobre teorias já sedimentadas a esse respeito. Fundamentando-se, pois, em um conjunto de procedimentos adequados a esse constructo técnico-científico, realizamos a incursão dentro do campo de estudo com vistas a responder a questão colocada inicialmente a propósito da delimitação do nosso objeto de interesse.

Em primeiro lugar, respeitante ao tratamento dos dados no método qualitativo, Lakatos e Marconi (2009, p. 269) afirmam que estes são de ordem psicossocial. Nessa conjuntura, consideramos, para a análise do material escolhido, fatores situacionais, os quais auxiliam o pesquisador a compreender e explicar os distintos comportamentos dos grupos humanos frente a problemáticas de repercussão mundial, desencadeadoras do (re)aparecimento e da circulação de discursos alimentados por forças sociais contrárias, centrífugas e insurgentes na vida social. Assim, o contato com tais variáveis possibilita ao final da pesquisa o levantamento de conclusões mais seguras e interpretações embasadas em um olhar fidedigno dos fatos que engendram as condições de produção dos gêneros discursivos em funcionamento na sociedade.

Tendo em vista a função da teoria de “explicar ou compreender um fenômeno, um processo ou um conjunto deles” (LAKATOS e MARCONI, 2009, p. 272), iniciamos o trabalho pela leitura de obras relevantes no cenário da Análise de Discurso Materialista, para apoiar a reflexão posterior acerca do problema tratado, por Orlandi (1998; 2007; 2015), Possenti (2003), Indursky (2011) e Heine (2010). Atrelado a essas, recorreremos a produções voltadas ao estudo da charge, junto às relações intertextuais e interdiscursivas que ela abarca, a saber, Romualdo (2000) e Kurtz (2017).



De fato, o acesso à bibliografia pertinente à discussão em vista é imprescindível à construção de uma hipótese válida, uma vez que "a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras" (LAKATOS e MARCONI, 2003, p. 183). Assim, são muitas as contribuições trazidas por ela ao tópico em questão no trabalho.

Sob essa base, realizamos em seguida a abordagem direta do documento que compõe o *corpus* do trabalho, utilizando-se, para isso, da consulta à página na rede social (Instagram) do jornal *O Dia*. Selecionamos este suporte por constituir um espaço natural de propagação de notícias e por ter, como outros jornais reconhecidos, a seção CHARGE DO DIA, desse modo oferecendo farto material para a finalidade de pesquisa visada e funcionando como importante sensor da vida social.

Por fim, prosseguimos, conforme o objetivo proposto, à análise dos elementos interdiscursivos (e intertextuais) referentes ao discurso messiânico nos enunciados verbo-visuais da charge, buscando identificar como eles se apresentam e a partir de quais elementos composicionais são reproduzidas no discurso. Simultaneamente, trataremos das condições de produção em relação às quais o enunciado se filia, conjugadas a algumas características da charge.

Atendidos os procedimentos elencados, a hipótese levantada inicialmente poderá ser confirmada ou não pelos resultados da pesquisa, os quais poderão, inclusive, apontar "aspectos válidos e aplicáveis a outros fenômenos, indo além dos objetivos imediatos" (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 171). Logo, sabendo que naturalmente a pesquisa científica nasce no intervalo de outras, a quem é tributária, e em tese impulsiona novas produções, buscamos, com a proposta apresentada, promover a ampliação do interesse em estudos acerca do eixo da constituição do discurso, isto é, a memória, espaço do dizível. Outrossim, desejamos que a recepção deste material redunde em mais contribuições para a área em apreço, à medida que novos aspectos do tema são enfocados.

### 3 ANÁLISE



Fonte: Portal *O Dia*. Acesso em: 15 ago. 2021.

Na charge acima, objeto de análise desta pesquisa, identificamos elementos verbais e visuais que se coadunam num todo indissociável no processo de produção de sentidos materializado no





gênero chargístico. É importante destacar que o gênero charge geralmente está relacionado a fatos políticos, por isso somente aqueles que já conhecem esses fatos conseguirão compreender a charge em seu estado de completude (ROMUALDO, 2000, p. 32), isto é, mobilizando conhecimentos prévios a partir da memória discursiva.

O plano imagético aponta para a figura do Presidente Jair Bolsonaro, que pode ser identificado principalmente pelas características físicas, embora seus olhos estejam cobertos. Outro elemento visual que nos permite apontar para a figura de Bolsonaro é a presença da faixa presidencial brasileira. Além disso, ele está vestido com túnica e sandálias, elementos do vestuário judeu os quais somados aos demais elementos visuais que reproduzem uma ação sobrenatural — o andar sobre as águas — apontam para a figura de Cristo. Percebemos também que o presidente está vendado por uma máscara de proteção facial, que, a partir do contexto imediato contido nas condições de produção, conceituadas por Orlandi (2015, p. 30), atua — ou deveria atuar — como barreira física contra o vírus da COVID-19, desde que usada corretamente sobre nariz e boca.

Esse detalhe é bastante significativo na leitura, uma vez que reproduz uma cena ocorrida em coletiva de imprensa acerca das medidas de combate ao coronavírus, logo no início da pandemia, em que Bolsonaro aparece — junto aos então ministros da economia e saúde Paulo Guedes e Luiz Henrique Mandetta — utilizando a máscara de forma inadequada. O acontecimento foi alvo de compartilhamento em massa nas redes sociais, estimulando inclusive a produção de memes, que se caracteriza, conforme a origem da palavra, como um evento passível à repetição por membros de uma comunidade (SILVA; CORTEZ, 2020, p. 389). Dessa maneira, a charge, em sintonia com esses discursos, absorve o tom humorístico dado à figura do presidente — relativo à imagem de um líder nacional ignorante, pois promove o uso correto da proteção facial — e a relaciona ao descaso com o enfrentamento do vírus e, por extensão, com as vítimas dele, já que a máscara desajustada sobre o rosto, além de propagar o vírus, é também o elemento que impede o seu olhar para elas.

Ao redor da figura do presidente, observamos diversas mãos que emergem das águas sobre as quais ele anda. Os elementos visuais nos permitem resgatar a memória discursiva da passagem bíblica na qual há o relato do milagre em que Jesus Cristo anda sobre as águas ao encontro dos discípulos. Nesse ínterim, salva Pedro de se afogar, quando está e, que decide se apressar em direção ao mestre também andando sobre águas, de repente começa a afundar. Esse resgate discursivo-imagético aponta, para o processo de intertextualidade, que se restringe à relação de sentido implícita ou explícita entre textos, não recorrendo ao esquecimento enquanto elemento estruturador da formação do discurso (ORLANDI, 2015, p. 34).

A relação intertextual, quando esmiuçada, revela uma contradição, pois enquanto Cristo andava sobre as águas e fornecia segurança para os discípulos, a figura de Bolsonaro, conforme representada na charge, está de mãos atadas como quem resolutamente se abstém de fazer algo em favor dos diversos sujeitos com as mãos levantadas. Esse último aspecto da charge indica pedidos de socorro, diante das condições de produção de sentido, a saber: a pandemia da COVID-19, circunscrita na gestão do presidente Bolsonaro, a partir das quais são promovidos tais discursos. Outro elemento imagético que corrobora para a representação do presidente enquanto negligente é, novamente, a utilização incorreta da máscara de proteção contra o vírus, que se bifurca em pelo menos dois deslizamentos complementares de sentido:

- I) Bolsonaro é negligente, porque fecha os olhos para os pedidos de socorro.



II) Bolsonaro é negligente, porque não se importa com o uso (correto) da máscara.

O plano verbal confirma que se trata do contexto pandêmico, pois sobre o mar consta, escrita em cores azuis, a expressão “COVID-19”, corroborando para a produção de sentido de que as mãos estendidas representam pessoas que estão em estado de morte iminente, que poderia ser evitada caso houvesse alguma ação por parte do presidente. Do mesmo modo, o enunciado verbal de Bolsonaro se constrói a partir do trocadilho com o seu sobrenome Messias, que por sua vez, coincide com um dos nomes de Cristo, aquele que realizou milagres. Curiosamente, o uso do termo “milagres” na fala do presidente também resguarda um deslocamento de sentido, que contribui para o efeito humorístico da charge. Partindo da situação imediata que gerou a resposta, entende-se que os milagres a que ele se referia diziam respeito, em última análise, à tomada de medidas enérgicas para combater o crescimento dos índices de mortes pela doença, que, no momento em questão, já ultrapassavam o da China.<sup>4</sup>

Logo, apesar de a fala associada à figura de Bolsonaro no gênero charge não ter, necessariamente, uma relação de compromisso com a verossimilhança, enfatizamos que, neste caso específico, o enunciado de Bolsonaro, de fato, originou-se de uma situação concreta, constituindo-se a partir do discurso judaico-cristão em resposta ao discurso de uma jornalista que o questionou sobre o número de mortes por COVID-19 no Brasil. Consequentemente, é possível observar que, assim como é da natureza de todo discurso, também a fala do presidente é ideologicamente marcada, através do qual é possível identificar relações com o pré-construído à medida em que dialoga com outros discursos (ORLANDI, 2015, p. 38).

Nesse sentido, percebemos que o discurso verbal de Bolsonaro na charge se constrói, também e a princípio, a partir do processo de interdiscursividade, uma vez que aponta para o esquecimento nº 1, que é da ordem do inconsciente como resultado do modo como se é interpelado pela ideologia (PÊCHEUX, 1975). A partir da conjuntura das produções de sentidos engendradas na materialidade verbo-visual, é possível observar que há uma tensão entre o já dito e o novo. Como pontua Orlandi (2015, p. 36), a paráfrase está para o já-dito, enquanto a polissemia está para o novo. Desse modo, identificamos que, a partir da ótica polissêmica, mediante a conjuntura verbo-visual, há um deslocamento de sentido a respeito da representação da figura de Bolsonaro, que podemos desdobrar em pelo menos cinco proposições possíveis:

- I) Bolsonaro é negligente.
- II) Bolsonaro não tem postura de presidente.
- II) Bolsonaro não transmite segurança.
- IV) Bolsonaro não se assemelha a Cristo.
- V) Bolsonaro é genocida.

---

<sup>4</sup> COM 474 novas mortes, Brasil registra mais vítimas da COVID-19 que a China. **CNN Brasil**, São Paulo. 28.abr.2020. Disponível em : <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/com-474-novas-mortes-brasil-ja-tem-mais-vitimas-fatais-da-covid-19-que-a-china/>.



Nessa ótica, a charge não apenas situa, pelos motivos acima referidos, o Messias presidente e o Messias bíblico em planos diametralmente opostos, mas também questiona a gestão política de Bolsonaro no cenário da pandemia no Brasil. Isso se torna claro quando, demorando-se mais um pouco nas condições de produção desse enunciado, observam-se as tensões entre seu posicionamento e o de entidades e profissionais da saúde desde o início do surto do vírus COVID-19 no Brasil. Em mais de um episódio, o presidente demonstrou estar em clara oposição a esse grupo, o que ocasionou uma divergência de recomendações sobre as formas de enfrentamento ao vírus e, por extensão, uma desarticulação do governo Bolsonaro com a ciência.

Tais dados sustentam, portanto, a concepção de um governo ignorante e descompromissado com a saúde da nação. Por conseguinte, embora a charge não tenha reproduzido toda a fala do presidente, o trecho “E daí?” se reverbera semanticamente na representação visual da figura de Bolsonaro. Ele significa no retrato de um Messias imponente caminhando, em um movimento firme e resolutivo, sobre o mar de moribundos. Seu estado de indiferença frente ao acontecimento é duplamente retratado em seu corpo - pelo gesto das mãos juntas e para trás e pelos olhos vendados pela máscara.

Dessa maneira, constata-se que a charge opera a movência do sentido em torno do signo Messias, que passa, então, a designar, como um dos sobrenomes do presidente, não mais um agente cujos poderes são utilizados a favor da vida, mas um líder que, conscientemente, omite-se de seu papel de garantir a segurança sanitária e econômica em meio a uma pandemia. Consequentemente, a charge atribui ao presidente a responsabilidade pelo crescimento do número de mortes e, sobretudo, o coloca em confronto direto com os direitos constitucionais do cidadão.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos analisar, sob a perspectiva da Análise do Discurso, o funcionamento da charge com base nas noções de intertextualidade e interdiscursividade situadas social e historicamente (HEINE, 2010 p. 26). Dessa maneira, na charge analisada, a interdiscursividade se dá de modo explícito, com a intertextualidade naturalmente implicada (POSSENTI, 2003, p. 140). A reprodução verbal de parte do pronunciamento do presidente - bem como a materialização de elementos bíblicos acionados nesse - se faz em um claro projeto discursivo de contestação a sua flagrante falta de ação frente ao rápido aumento de mortes causadas pelo vírus. Logo, a charge põe em conflito, pela sátira, duas imagens: de um lado a do Messias compassivo e salvador do imaginário cristão e de outro a do presidente, que aparece de mãos atadas e olhos vendados, marcando a sua responsabilidade pelas mortes e, consequentemente, a sua contra-identificação com a primeira figura.

Portanto, observamos que tanto a intertextualidade quanto a interdiscursividade possibilitaram que o leitor resgatasse elementos do pré-construído em discursos anteriores, conforme pontua Indursky (2011, p. 2). Tal memória é acionada pelas condições de produção em sentido estrito e amplo (ORLANDI, 2015, p. 30), observadas, respectivamente, no questionamento à gestão do atual presidente brasileiro na pandemia e na releitura de uma narrativa bíblica cristã, especialmente da figura de Jesus Cristo, chamado também de “Messias”, um dos nomes de Bolsonaro. Desse modo, pela análise realizada, que incidiu sobre o enunciado do presidente reproduzido no recorte chargístico escolhido, reafirmamos a nossa hipótese. A imagem apresentada na charge, ao materializar o discurso-outro de maneira explícita (POSSENTI, 2003, p. 140), opera deslizamentos de sentidos em torno da representação de Jair Bolsonaro, projetando-o finalmente





como um anti-Messias no hic et nunc pandêmico, isto é, no aqui e agora da crise sanitária vivida no Brasil.

## REFERÊNCIAS

- JOTA, A. In: **Portal O Dia**. Disponível em: <<https://www.portalodia.com/blogs/jotaa/confira-a-charge-de-jota-a-publicada-na-edicao-desta-quinta-do-jornal-o-dia-375745.html>>. Acesso em: 15. ago. 2021
- HEINE, P. Reflexões sobre o interdiscurso. **Intersecções**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 3, p. 25-34, 2010. Disponível em: <https://revistas.anchieta.br/index.php/RevistaIntersecoes/article/view/1035/918>. Acesso em: 15 ago. 2021.
- INDURSKY, F. A memória na cena do discurso. In: INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; FERREIRA, Maria Cristina Leandro Ferreira. (Org.). **Memória e história na/da análise do discurso**. 1 ed. Campinas: Mercado das Letras, 2011.
- KURTZ, V. V. O. A. A charge - intertextualidade e interdiscursividade presentes em sua construção. **Ao Pé da Letra**, Recife, v. 19, n. 2, p. 1-13, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/peda letra/article/view/236044/0>. Acesso em: 15 ago. 2021.
- LAKATOS, E. M; MARCONI, M. A. **Fundamentos da metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- LAKATOS, E. M; MARCONI, M. A. Metodologia qualitativa e quantitativa. In: **Metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2009. p. 169-273.
- ORLANDI, E. Paráfrase e polissemia: a fluidez nos limites do simbólico. **Rua – Revista do núcleo de desenvolvimento da criatividade da Unicamp NUDECRI**, Campinas, v. 4, n. 1, p. 9-19, 1998. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/RUA/article/view/8640626>. Acesso em: 15 ago. 2021.
- \_\_\_\_\_. **Interpretação: autoria, leitura, efeitos do trabalho simbólico**. 5 ed. Campinas: Pontes Editores, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes Editores, 2015.
- SILVA, E. G. Estereótipos, religião e humor. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 44, n. 3, p. 1009-1018, set. dez. 2015. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1033>. Acesso em: 15 ago. 2021.
- SILVA, J. P. M.; CORTEZ, S. L. A (re)construção de referentes em memes verbo-visuais. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 14, n. 29, p. 386-405, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/32149>. Acesso em: 22 abr. 2022.
- PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi et al. Campinas: Editora da Unicamp, 1995. Edição original: 1975.
- POSSENTI, S. Observações sobre interdiscurso. In: \_\_\_\_\_. **Questões para analistas do discurso**. São Paulo: Parábola, 2009. p. 153-168.



ROMUALDO, E. C. A charge jornalística. *In*: ROMUALDO, E. C. **Charge jornalística: intertextualidade e polifonia**. Maringá: Eduem, 200. p. 21-39.